

XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII ENANCIB 2012

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

DOCUMENTAÇÃO DE FÉ: REFLEXÕES SOBRE EX-VOTOS E A SALA DAS
PROMESSAS DO SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA

Comunicação oral

Bianca Gonçalves de Souza – UNESP
Eduardo Ismael Murguia - UFF/UNESP

biancagsouza@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo propõe a repensar sobre a possibilidade de expandir a reflexão acerca do documento. Para além de uma interpretação da escola francesa, revisitando autores importantes do campo da Ciência da Informação, o debate visa expor que, dentro do campo religioso católico brasileiro, é possível extrapolar a revisão da ideia do documento apenas restrito a espaços ditos informacionais. O Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida abriga uma sala das promessas na qual permanecem os ex-votos – objetos lá deixados para pagar ou agradecer por algum milagre recebido pelo devoto. É um espaço de mediação e ele mesmo pode ser pensado como um meio, pelas possibilidades de estabelecer mediações. No entanto, é um lugar sagrado, profano, catequético, expositivo, informacional, porém sem ter essa última característica explícita. O artigo inicia refletindo sobre a sala e caminhando na compreensão do documento, para então finalizar com uma propositura de compreender o objeto votivo como documento de fé, fazendo prova de milagres e graças alcançadas e, além disso, pela positividade que traz consigo materialmente falando e pelo valor documental que o espaço da sala lhe confere.

Palavras-chave: documento, Santuário Nacional de Aparecida, ex-voto.

Abstract

The article's purpose is to reconsider about the possibility to expand the document's reflection. Much more than an French school's interpretation, revisiting important authors to Information Science, the debate focus on to expose that, within the Brazilian Catholicism's campus is possible to surpass the revision of document's idea, which is sometimes only restricted to informational spaces. The Santuário Nacional of Nossa Senhora da Conceição Aparecida shelters a special room dedicated to votive offerings (named room of the promises) – objects offered by people to pay and to be grateful for any received or bagged miracle. It is mediation' space; it can be thought as a way to establish mediations. However, it is a sacred, profane, expositive, informational, and as a Catechesis' tool to educate. In special, as an informational place, the room is not so explicit. The article initiates reflecting about the room of the promises and shedding light to document's comprehension. Afterwards, there is the conclusion which brings out the purpose to understand the votive offering as a document of faith, which is able to make proof of miracles or received graces, and, moreover, this votive object is document as well, because it has positivity, bringing with it the documental value, which just exists because the room of the promises accredit to the objects this relevant value.

Key-words: document; Santuário Nacional de Aparecida; votive offering.

O presente trabalho responde, a uma reflexão feita em cima de uma tese de doutorado defendida em no primeiro semestre de 2012. A preocupação principal da tese foi promover uma descrição baseada na proposta da observação como método, fornecida por Bruno Latour¹, para analisar as associações sociais, religiosas e informacionais que determinam que objetos de qualquer tipo possuam, em determinados momentos e lugares, outras atribuições. Assim, escolhemos como campo de observação, a sala das promessas do Santuário Nacional de Aparecida. Mencionamos ainda a contribuição dos estudos sobre cultura material, sem os

¹ Vide especialmente “Reassembling de Social”, 2007.

quais não poderíamos ter detectado o caminho pelo qual os objetos deixam de ser reflexos de ações prévias, para tornarem-se agentes sociais.

Para fins de apresentação de um trabalho científico, decidimos fazer uma apresentação sucinta daquilo que entendemos por documento e sua relação com a enunciação de verdade (razão de ser do próprio documento), para depois mostrar o cenário no qual colocamos nossa discussão: a sala das promessas no Santuário Nacional de Aparecida. E, finalmente, colocar nosso olhar sobre as relações que fazem de um ex-voto devocional alguma outra coisa que nomeamos como *documento de fé*.

O documento: uma proposta inicial

Sem o propósito de esgotar uma discussão sobre o que é o documento, questão que inevitavelmente nos levaria a uma repetição sobre aquilo que já foi muito bem estudado e aprofundado por outros autores, propomos levantar alguns problemas, aparentemente diversos e contraditórios, sobre as associações que fazem um objeto qualquer vir a ser documento, no caso específico, chegar a ser um documento de fé.

Quando Michael Foucault (2007), fala sobre a classificação, ele propõe que seja uma forma de tentar compreender o mundo à volta. Ressalta que a classificação de seres vivos - que começa a ser proposta no século XVIII - se volta para uma possibilidade de colocar a natureza dentro de uma taxonomia. É uma maneira de conhecer e apreender a realidade, levando-nos a entender que tudo aquilo que é classificado dentro de uma cultura é por ela conhecido e identificado, em detrimento daquilo que não é conhecido e que não pode ser identificado, portanto, não existindo.

Foucault (2007, p. 175) nos coloca o exemplo da História Natural para entender esse acontecimento. No século XVIII, iniciam-se os estudos da história dessa ciência, sem levar em conta, todavia, que antes dessa data não havia uma repartição clara do saber. A História Natural existia, no entanto, desprovida da chancela científica. Contudo, foi a Biologia que adveio trazendo à tona um olhar classificatório dos seres vivos: como ciência para estudar a vida, A Biologia veio ocupar seu lugar junto às outras ciências e isso se deu porque o próprio objeto de estudo passa a ser conhecido e identificado, a vida. “Existiam penas seres vivos e que apareciam através de um crivo do saber constituído pela história natural”.

Especialmente com a ciência moderna, se inicia um interesse por conhecer o mundo vivido. Esse mundo é apreendido e sabido, e poussa-se um olhar minucioso sobre as coisas, os animais, os seres vivos, para então transcrever o observado com palavras neutras e fieis.

E é nesse tempo classificado, nesse devir quadriculado e especializado que os historiadores do século XIX se empenharão em escrever uma história enfim “verdadeira” – isto é, liberada da racionalidade clássica, de sua ordenação e de sua teodicéia, uma história restituída à violência irruptiva do tempo (FOUCAULT, 2007, p. 180-181).

E mais, para dar força a essa ideia acerca da visão das coisas, Murguia (2010) reitera a ideia foucaultiana. Como dito, é no século XVIII que a visão das coisas da natureza adquire razão de ser. Vale retomar o mesmo trecho citado pelo autor, no qual Michel Foucault em “A arqueologia do saber”, coloca que:

O documento dessa história não são outras palavras textos, ou arquivos, mas espaços claros onde coisas se justapõem: herbários, coleções, jardins [...]. Diz-se frequentemente que a constituição dos jardins botânicos e das coleções zoológicas traduzia uma nova curiosidade para com as plantas e os animais exóticos. De fato, já desde muito eles haviam suscitado interesse. O que mudou foi o espaço em que podem ser vistos e donde podem ser descritos. No Renascimento, a estranheza animal era um espetáculo; figurava nas festas, nos torneios, nos combates fictícios ou reais, nas reconstituições lendárias, onde quer que o bestiário desdobrasse suas fábulas sem idade. O gabinete de história natural e o jardim, tal como são organizados na idade clássica, substituem o desfile circular do mostruário pela substituição das coisas em quadro. O que se esgueirou entre esses teatros e esse catálogo não foi o desejo de saber, mas um novo modo de vincular as coisas ao mesmo tempo ao olhar e ao discurso (FOUCAULT apud MURGUIA, 2010, p. 133).

Dessa citação, Murguia (2010) depreende uma análise relevante. Esse quadro ao qual Foucault se refere implica em classificação, isto é, em uma disposição relacional, fazendo com que os objetos adquiram significação pelos vínculos que criam entre si. O que se quer colocar é que não apenas os textos são a única maneira de conhecer; os objetos e as coisas também o permitem. E o autor reforça: “Um animal, uma planta, uma pedra não existem para serem observados, aliás, eles simplesmente existem. O que já não acontece com as coisas, com os objetos, com os artefatos; eles existem para algo: permitir nossa existência” (MURGUIA, 2010, p. 133). Porém, ambos, na visão do autor, podem se tornar documentos.

E no tocante ao documento, Murguia retoma Suzanne Briet (1951). O antílope e a rocha serão documentos, respectivamente, no zoológico e no museu, enquanto que a estrela lá no céu não seria para a autora, mas a fotografia sim. O documento medeia relação entre nós e a estrela, dentro dessa perspectiva. Há uma estabilização relacional dos objetos e coisas, que necessariamente, tem que acontecer como explica Murguia (2010), assim tornando possível apreendê-lo. Por isso, apesar de Briet (1951) descaracterizar a estrela como documento, Michel Foucault (2007) a entenderia como tal. “Estabilidade, no caso, é o oferecimento de possibilidade que permitam a observação (em determinadas condições) e as ações às quais dá lugar” (MURGUIA, 2010, p. 134).

Vale retomar sucintamente a reflexão sobre a constituição do documento para se entender melhor o que se entende por documento de fé. Um passo fundamental nessa compreensão é o entendimento de Michael Buckland (1991). O autor propunha que a informação devia ser entendida como conhecimento, processo e coisa. Essa última característica evidencia a necessidade da ampliação do conceito, deslocando o foco de atenção de um ente imaterial para uma coisa material.

Tal proposta abriu novas possibilidades de discussão como, por exemplo, a de Bernd Frohmann (2009), que conseguiu articular a definição de informação como coisa, iniciando uma discussão sobre o documento. Retomando o texto de Buckland (1991), Frohmann revisitou o que é o documento e, dessa forma, demonstrou-nos que tão importante quanto essas definições e delimitações de conceitos se encontra o contexto de produção desse documento, o procedimento que o gera, dados que não podem ser negligenciados.

Para tal, se fez também necessário uma volta ao passado, revisitando a antiga escola de documentação francesa² que tinha sido negligenciada pela nova Ciência da Informação de cunho norte-americano. Para Briet (1951) o exemplo de o que é documento é a possibilidade de esse objeto evidenciar a informação. As citações clássicas do antílope como documento são esclarecedoras: na selva, esse animal não é documento, mas em um zoológico, ele pode vir a ser.

Dessa forma, o presente trabalho se insere dentro de uma corrente de pensamento da Ciência da Informação que pretende contribuir para o debate que leve a uma possível consolidação daquilo que denominamos - talvez de forma apressada - de **teoria do documento**. A tese de Rabello (2009) é elucidativa quando sintetiza a noção de como a Historiografia, a Diplomática e a Ciência da Informação têm sobre documento.

Primeiramente, o autor destaca que a dimensão histórica e positivista do documento foi importante na compreensão do mesmo como prova do passado e para a construção do discurso historiográfico, por exemplo. Em uma segunda consideração, o documento se faz importante para a Diplomática, ou seja, o campo de estudo que se preocupa com a forma, produção e reprodução do documento. Quais elementos o documento deveria obedecer e trazer consigo? Essa era uma das questões a ser respondida pela Diplomática, a fim de trazer veracidade e consistência ao documento.

Por fim, o documento em face da Ciência da Informação implica em uma valoração socialmente atribuída, capaz de compor um sistema de informação. “Destarte, em termos

² Em especial os autores Paul Otlet (1937) e Suzanne Briet (1951).

ontológicos, ser ‘informação-como-coisa’ para a CI é circunstancial, pois dependerá da *pertinência social das coisas* e da *significância das evidências*” (RABELLO, 2009, p. 247). A função de socialização do conhecimento registrado adquire importância e traz novos e amplos debates acerca do documento.

Bezerra de Meneses (1998, p. 91) propõe que o objeto museológico possui qualidades intrínsecas, como peso, medida, matéria-prima, formato, dimensões, etc., que nos falam de sua própria materialidade, enquanto que outras significações como uso, significados e apropriações podem ser extraídas unicamente através da inferência. É justamente no “deslocamento dos sentidos das relações sociais”, que o fetichismo se forma, “criando-se a ilusão de sua autonomia e naturalidade”. Existem então atributos que são historicamente trazidos e agregados aos objetos pelas sociedades e grupos sociais, por meio da produção, circulação e consumo. Não se busca, portanto, o sentido do objeto nele mesmo; seu sentido está na inferência, nos discursos e nas narrativas sobre o mesmo.

A professora Heloísa Beloto (2002), fazendo uma interligação entre o documento de arquivo e sociedade, propõe que eles são testemunhos inequívocos da vida das pessoas e das instituições. Nesse sentido, os documentos de arquivo são capazes de demonstrar como decorreram as relações sociais. Por isso, os arquivos devem estar a serviço da sociedade, no entender da autora; são interdependentes, arquivos e sociedade.

Portanto, o olhar da Ciência da Informação sobre o documento se faz premente para a consolidação dela própria no sentido de incorporar novas abordagens sobre objetos até agora pouco considerados. Ainda, se levarmos em consideração áreas próximas como a Museologia e a Arquivologia, cada uma - desde sua perspectiva - desenvolveu reflexões sobre o que seria o objeto museológico e o documento de arquivo, respectivamente.

Giulio Argan (1994), respaldado pela filosofia kantiana das atribuições de valor, propõe que a arte não é uma qualidade própria de determinados objetos, mas antes uma atribuição de um valor estético que lhe é conferido por agentes e instituições em certos momentos e em determinados lugares. Seguidamente, nos apropriamos dessa ideia de Argan para afirmar, tentativamente, que ser documento então poderia ser também a atribuição de um valor para determinados objetos, que se tornam documentos, sejam ou não criados para tal fim.

Etimologicamente a palavra documento vem do verbo latino que significa ensinar, passando a ter outras acepções, ao longo do tempo, relacionadas com o ensino como lição, aviso, advertência, modelo, exemplo. Somente depois, passou a incorporar um sentido probatório com significados como indício, sinal, indicação, amostra. Assim nos deparamos

com um sentido que por um lado induz pelo ensino, e por outro lado, se deduz pela prova. Ainda, ensino e prova de algo que poderíamos chamar de **verdade**.

A procura da verdade foi principal preocupação da Filosofia iniciada pelos gregos, que a considerava o fim último. A verdade, para eles, deveria ser o motivo pelo qual nos indagamos e indagamos o mundo, ao mesmo tempo em que deveria ser também o final dessa averiguação. Essa visão carregava uma noção de verdade como um bem extrínseco que deveria ser alcançado, no caso de Sócrates (Fédon), pelo questionamento contínuo, pela via da interrogação (Maiêutica).

Enquanto que para Foucault (2005), somos forçados a dizer a verdade porque o poder precisa dela para funcionar. Dessa forma, somos também condenados a confessar a verdade e a encontrá-la. O poder não para de inquirir e registrar, motivo pelo qual se institucionaliza a busca da verdade. Os agenciamentos - para que isso aconteça - se associam e se eliminam. Existiram épocas nas quais a verdade foi enunciada pelo Direito, pela História, e atualmente pela Ciência.

Portanto, se a verdade é tal enquanto a sua institucionalização, não devemos esquecer que as instituições são formadas por lugares, por agentes e discursos. Discursos que, além de sua enunciação, procurem também sua permanência no registro. Embora nossa proposta seja inicial, propomos que o documento seja considerado um dispositivo pelo qual a verdade seja agenciada institucionalmente.

Os indivíduos ficam personalizados, de alguma maneira, na representação desses objetos votivos. Além disso, esses objetos são dispositivos, os quais promovem ações, gestos, falas, posturas, omissões, exigindo de quem os ve que se posicione, se manifeste, aja. Os dispositivos, como o filósofo Giorgio Agamben (2009) compreende, trazem uma positividade, exige-a.

Dentro dessa perspectiva, compreendendo os objetos como dispositivos foucaultianos, eles são entendidos como sendo qualquer coisa que tenha “capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”, conforme explica Agamben (2009, p. 40). Tais objetos são capazes de orientar essas atitudes e outras que podem ser pensadas. Esse caráter de dispositivo acaba por reforçá-los também como documento. O objeto votivo assume uma postura, isto é, ele é parte de um juízo e, dessa maneira, sua positividade caminha no sentido de reforçar a positividade frente ao mesmo.

O circuito do turismo religioso

Brevemente, vale destacar que o citado santuário abriga a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, encontrada no rio Paraíba em 12 de outubro de 1717. Desde então, existe o exercício devocional à pequena estátua feita em terracota. Devido ao grande número de pessoas que acorriam ao lugar, construiu-se uma primeira basílica, no centro do município, até que se chegasse ao atual formato do santuário, que abriga a basílica nova e toda uma grande estrutura de recepção do romeiro. É o maior santuário mariano área no mundo e em 2011, recebeu pouco mais de dez milhões de visitantes³.

O Santuário Nacional localiza-se no vale do rio Paraíba paulista, próximo dos municípios de Guaratinguetá e Cachoeira Paulista, com os quais forma o circuito de turismo religioso de tradição católica. Essa região recebe mais de 12 milhões de visitantes no ano. Muitos deles visitam as três cidades. Guaratinguetá é destino, pois abriga a casa onde nasceu frei Galvão, primeiro santo oficialmente canonizado pelo Vaticano no ano de 2007. Cachoeira Paulista diferencia-se das outras duas, pois não abriga um santuário, e sim a Comunidade Canção Nova. Tal comunidade abriga o canal de televisão que leva o mesmo nome, rádio e toda uma infraestrutura para recebimento de centenas de pessoas para retiros espirituais especialmente. Eis, por conseguinte, a constituição de um dos principais polos de atração turística de cunho religioso no Brasil.

Com o advento do mundo moderno houve o consumo de massas, observado especialmente a partir do século XIX. Isto não isentou o turismo de ser apreendido e tratado como indústria, cujo produto de venda é a viagem e o lugar turístico. Intencionalmente, um local de trabalho, uma igreja, uma ruína podem se tornar um espaço de lazer e de visitação. Toda uma carga histórica e de memória que faz desses espaços documento-monumento perante uma sociedade (CURRY, 1996), crescem aos lugares o caráter de espaço sagrado somado a um polo de economia voltada para a indústria turística.

Conforme entende Emerson Silveira (2004), o fenômeno conhecido como turismo religioso é recente e assim denominado por turismólogos desde os anos de 1960. Implicaria em um tipo de turismo no qual o sagrado migraria, como estrutura de percepção para o cotidiano, isto é, para atividades festivas, para o consumo, lazer, enfim, ele deixa de ser limitado à contemplação para ser adotado como mercadoria de consumo pela indústria turística.

O circuito religioso católico vale-paraibano é um espaço de comércio turístico e, como tal, acaba por abranger outras estruturas que vão além do espaço sagrado. Compreende rede

³ Várias biografias e livros foram tratados na tese, dentre eles Brustoloni (2004), Ribeiro (2004; 2007) e Santuário (s/d).

hoteleira, restaurantes, transportes, comércio, toda uma gama de empresas e instituições que contribuem para a formação e manutenção desses espaços de visitação. O espaço do Santuário, portanto, é parte de um todo maior, que promove circulação de turistas e de riquezas na região. Esse território religioso é geograficamente marcado, congrega uma crença religiosa e é um espaço no qual a comunidade católica, em especial, tem mais do que uma vivência de fé, mas uma oportunidade de vivenciar sua fé em um espaço tido como sagrado, bem como aproveitar desse tempo para exercitar seu lazer.

A sala das promessas e o objeto-documento, o ex-voto

Dentre essa região peculiarmente voltada para a religiosidade católica, encaixa-se o Santuário Nacional de Nossa Senhora de Aparecida, espaço dedicado à devoção mariana. No que diz respeito à sala das promessas, trata-se do lugar específico para o recebimento dos ex-votos, objetos dados para cumprimento das promessas feitas e cumpridas pelos devotos. Há os que permanecem na mesma, mas boa parte abandona-a rapidamente, em questão de dias ou horas até.

Há efemeridade dos objetos votivos no que tange à passagem pela sala. Independente do tempo que possa nela permanecer, o que se pode apreender é que ela é um espaço de transição, e não de permanências. Todos os objetos passam por essa sala, eles não se estabilizam ali. Todavia, a transitoriedade não implica que não haja relações e significados atribuídos aos ex-votos, ao contrário, o objeto no interior da sala assume seu caráter polissêmico, e suscita a produção de inferências para a interpretação daquela realidade.

A sala é o próprio espaço de mediação e negociação de significações simbólicas. Assim como discute Jesús Martín-Barbero (2006), interpretamos que os meios (os ex-votos), materializam a mediação entre o devoto e o divino. Assim, como a própria sala, ser o epicentro das negociações entre o comércio, sua circulação e a fé. Essas doações fazem com que se produzam nos objetos identidades múltiplas, resultantes da associação das diversas simbologias e identidades.

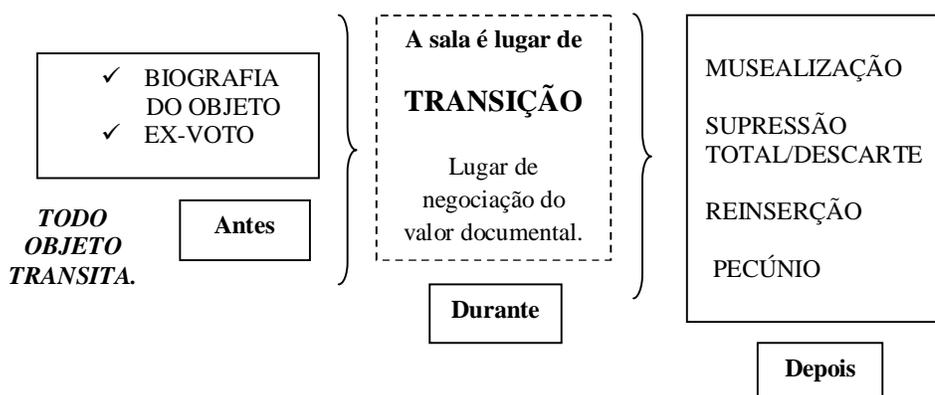
A sala das promessas é segundo lugar mais visitado do Santuário Nacional, só perdendo para a própria estatueta de Maria. Trata-se literalmente do universo de nossa pesquisa: são incontáveis objetos que chegam diariamente na sala. Sua diversidade se manifesta pelos seus materiais, formatos, dimensões etc., ocasionando um aparente amontoado de objetos. Porém, nossa dúvida era de onde eles vinham? Para onde eles seguiam? Interpretando-os à luz de sua vida material, ou seja, da sua vida social e de suas

biografias, tratamos de observar os percursos e trajetos desses objetos. A final de contas, o que eles vinham a ser na sua precária permanência na sala?

No entanto, fazia-se necessária uma ordem. E como toda classificação implica em certas arbitrariedades, houve por bem partir do princípio de se trabalhar com três momentos importantes: o antes da sala das promessas, o durante, e o depois. Como unir esses três pontos? A união se dava na transitoriedade da sala. A sala das promessas, então, aparecia como sendo um lugar de constante negociação de valores e, como tal, decidimos observar esses objetos no seu movimento.

Assim, decidimos adotar uma abordagem que refletisse o fluxo e movimentação dos objetos:

Figura 1 Sistema de chegada, permanência e transição dos ex-votos na sala das promessas.



A escolha desse esquema deveu-se ao fato que haveria uma imensa possibilidade de classificações; porém era necessário ter claro, primeiramente, que todo objeto **transita** pela sala. Então há um momento de chegada à sala, o antes: pensou-se que a biografia do objeto (indissociável do sujeito) seria capaz de aproximar a discussão desses objetos, formulada através dos depoimentos das lembranças que seus doadores contaram⁴. No entanto, percebeu-se que as biografias são importantes, mas não eram suficientes para explicar nem o ex-voto que é o objeto dado como paga de promessa.

Em um segundo momento, percebemos que os objetos passam, com maior ou menor velocidade, pela sala das promessas. **E todos passam.** Ainda que demorem dias, meses ou até anos para saírem desse contexto, o ex-voto abandonará a sala das promessas em algum momento de sua trajetória. Sendo assim, pensou-se a princípio em reorganizar os objetos dentro da sala por características dicotômicas. Isso porque a própria sala é um local permeado de dicotomias, tais como, o sagrado e o profano, a miniatura e o gigantismo, anônimos e

⁴ A pesquisa realizada apresenta em anexo, as entrevistas realizadas em campo no momento da sua realização.

famosos, descartes e permanências. Essas foram algumas dicotomias escolhidas para melhor caracterizar a sala das promessas, porém incapazes de dar conta do universo observado.

As dicotomias não esgotaram a compreensão da sala das promessas e de seus objetos votivos. Não eram suficientes para esclarecer a sala como um lugar de negociação constante de valores do documento e dos objetos. O objeto não deixa de ter a característica de mercadoria durante todo o tempo de sua existência. Não no sentido unicamente de uma transação de mercado, mas como elemento de negociação constante de valores (APPADURAI, 2006). Nesse sentido, dentro da sala das promessas, a compreensão dos objetos apenas como mercadoria comerciais implicaria reduzi-los em seus significados e polissemias. O objeto votivo é documento, sagrado, profano, é único e é parte de um todo maior, assumindo diversas perspectivas de análise do ponto de vista da cultura material.

O terceiro momento do esquema sobre-exposto é quando o ex-voto deixa a sala das promessas e aquilo que foi doado assume uma nova trajetória, e são quatro as linhas principais que delineiam: 1) o retorno à condição de mercadoria, a reinserção no mercado de circulação. Boa parte dos objetos votivos retorna ao bazar do Santuário, localizado no mesmo piso da sala. O objeto realça novamente seu caráter mercadológico, abandonando o valor que a sala lhe atribuíra de documento; 2) a musealização, isto é, a institucionalização do objeto pela sua exposição permanente; 3) a supressão e/ou descarte, destruição do objeto, caráter comum a uma imensa quantidade de ex-votos, especialmente os perecíveis, contagiosos, como flores, material cirúrgico, etc; e 4) o pecúnia, ou seja, tudo aquilo que alimentará o a riqueza pecuniária arregimentada pelo Santuário: por exemplo, joias, dinheiro, bens móveis e imóveis de grande valor monetário.

Tal vez dentro desse quadro torna-se ainda provável a possível descoberta de outros caminhos, por ventura, estabelecidos para tais objetos. Todavia, o relevante é reconhecer que todo ex-voto somente passa, deixando a sala das promessas em algum momento, pois ela não é arquivo, não é museu, não é lugar de permanência, apenas de **ancoramento** momentâneo. Os objetos viriam a se constituir enquanto documento no interior da sala e tão somente porque isso é permitido pelo próprio espaço, que ancora, segura alguns ex-votos para documentar a fé das pessoas. O espaço da sala, então, permite a atribuição do valor do documento, ela é local que atribui e destitui, ao mesmo tempo, o valor de documentos aos objetos que ali chegam.

A mediação é característica intrínseca do documento. Assim como interpreta Martín-Barbero (2006) a mediação não é a simples equação reduzida a um emissor, uma mensagem enviada e um receptor que recebe, passivamente. O que foi possível de captar é que a sala das promessas, ela mesma, funciona à maneira de um meio, estabelecendo mediações entre os

objetos e as pessoas. Fora dela, uma panela de pressão estourada e cuja explosão machucou gravemente alguém seria apenas um fato. Dentro da sala, a panela retorcida, estrategicamente colocada ao lado da fotografia da vítima – recoberta de gases e faixas – fornece ao visitante a informação daquele evento e mais do que isso, a própria panela é documento - valor que o espaço lhe atribui - tornando-se uma prova do ocorrido e de um milagre que a vítima acreditou ter recebido por ter sobrevivido.

A mediação é permeada por significados e interpretações complexas e para além dessa relação descrita. Assim, é que Bruno Latour (2007) trata da capacidade de agenciamento dos objetos. Esses medeiam informação e são dotados da capacidade de agenciar – isto é, promover inferências, interpretações, desdobrar ações e iniciativas, omissões, etc. Os ex-votos se encaixam plenamente nessa interpretação de Latour e de Martín-Barbero: são agenciadores, como tais são tão capazes de gerar ações nos sujeitos tal qual esses agenciam os objetos.

Fica direcionada a compreensão dos objetos votivos como sendo provas de santidade e de milagres de Nossa Senhora Aparecida. Ainda que não seja o mérito de crer ou não crer, o universo material da sala, a disposição, a sala, o balcão onde se entregam os objetos, o espaço sagrado, os ex-votos dão subsídio para que se pense, realmente, estar diante de uma realidade que transcende o real, que é também etérea, sagrada.

Conforme mencionado anteriormente, alguns dos objetos doados como ex-votos permanecem por um período maior de tempo expostos na sala das promessas. São objetos que ficam transitoriamente, eles não fazem parte de um acervo, nem são colecionados, são simplesmente selecionados para exemplificar categoria materiais e formais. A ideia de musealização foi aqui apropriada no sentido de representar certa estabilidade que permeia tais objetos: a sala das promessas não é museu, mas possui um conjunto de objetos organizados e que tem algo a dizer aos devotos: as graças alcançadas. E quando se trata de expor objetos que pertenceram a artistas e personalidades famosas, profissionais de alto gabarito, torna-se evidente que tais documentos revelam que também as celebridades nacionais se voltam para a fé, para a religiosidade e para a devoção à Maria em momentos difíceis e diante de infortúnios.

É o caso de uma camiseta da seleção brasileira, deixada por *Ronaldo Fenômeno*, após a recuperação de uma cirurgia. Ele foi pessoalmente levar a camisa. Segundo o relato do padre diretor do Santuário nessa época, foi um dia muito complicado, pois foi necessário todo um aparato de segurança para poder recebê-lo. Ronaldo foi de helicóptero até o Santuário. Lá chegando, visitou a imagem, a sala das promessas e deixou a camisa assinada, em sinal de sua recuperação e por ter podido voltar a jogar futebol.

Assim como Ronaldo, outras pessoas o fizeram: jogadores de futebol são bastante comuns e as camisetas contendo suas assinaturas estão em quantidade boa expostas numa estante. Há outros objetos, como estetoscópios de médicos, capacetes de trabalho, vestimentas e utensílios profissionais e ligados a certas áreas de atuação.

Essa categoria de objetos – ligada às profissões – é uma das temáticas de uma das estantes expostas na sala. Na organização que a caracterizou houve a preocupação em relacionar o mundo do trabalho com a exposição pela quantidade volumosa de agradecimentos correlatos à profissão, ou então porque são representativos do fim de um esforço e de um sacrifício humanos dos devotos, como formaturas e bom sucesso em provas e concursos.

Os trabalhos acadêmicos são abundantes e corriqueiros na sala das promessas. Estes são encaminhados para o bazar e lá vendidos a preços simbólicos. Dentre esses, se encontram os trabalhos de conclusão de cursos de graduação até teses de doutorado e livros, como por exemplo o livro escrito pelo jornalista Marcelo Rezende, que se encontrava até recentemente exposto na vitrine.

Todo o tempo, essa gôndola - que abriga ex-votos deixados por personalidades, artista, cantores e pessoas de destaque perante o público - é objeto da curiosidade dos visitantes. As pessoas mantêm uma postura de admiração frente a tais objetos e, geralmente, se deixam fotografar ao lado da estante. Estão diante de ex-votos de pessoas conhecidas e famosas do grande público e observam essa relação de fé e de manifestação de uma religiosidade por parte de seus ídolos. Nela se encontram objetos deixados, por exemplo, por Renato Aragão, Ayrton Senna, Sandy e Junior, dentre vários outros cantores, artistas de televisão e rádio e esportistas. Em uma carta, Marcos Pontes conta que somente poderia trazer consigo na missão ao espaço dois objetos: um deles foi um pequeno terço e o outro um bottom⁵ de Nossa Senhora Aparecida.

Pensamos que esses objetos reforçam a identidade e pertencimentos que possam promover, muitas vezes, corroborando a ideia de heróis nacionais. O caso do astronauta Marcos Pontes encaixa-se nessa discussão: expostos dentro da estante, os objetos do astronauta, que são uma miniatura da bandeira nacional, com fotografias que mostram o astronauta envolto pela bandeira nacional. Nesse sentido, concordamos com a afirmação de Davis (1999) que salienta, a formação de um discurso identitário para a nação.

⁵ Espécie de broche, afixado em roupas.

Também vale retomar que a mesma crítica é proposta por Martín-Barbero (2006). O autor critica a maneira como a ideia de nação é frágil quando analisada dentro da perspectiva das identidades nacionais. São construções ideológicas, limitadíssimas e que não esgotam aquilo que um povo utiliza para se identificar com a ideia de nação. Ou então, existe um questionamento da ideia de uma identidade nacional por trás da análise de objetos como esses: trata-se de uma manipulação do ponto de vista sentimental, levando a imaginar uma identificação do visitante com o astronauta católico. Por outro lado, como Bruno Latour (2007) compreende, esses objetos do astronauta, expostos na sala das promessas, geram uma relação de agenciamento com os observadores, que desdobram compreensões e posicionamentos frente aos ex-votos e a todo o contexto que os envolve.

A sala das promessas é um monumento-documento, como Le Goff (1996) define, o monumento que se torna documento e que pretende ser uma referência, um marco, um espaço onde se immortaliza a memória e a história. A sala das promessas é uma extensão espacial da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Não é um lugar escuro e fúnebre, é claro e bem organizado; não é um museu, mas tem seus conjuntos organizados propriamente. E não é exatamente local de oração, mas é sacralizado, pois os objetos e o espaço em si são ramificações imateriais dessa devoção mariana. O que permanece na sala das promessas ancora-se, porque assume significados múltiplos; porém são intencionalmente para que possam promover inferências sobre Maria, sobre a devoção mariana e sobre os milagres atribuídos à Maria.

Os objetos remanescentes na sala das promessas cristalizam relações de fé e de devoção e se prestam a documentar essa relação tão abstrata que é a fé. Uma camiseta ali transcende sua função de vestimenta, para assumir uma papel documental no qual convalida um discurso, naturalizando a crença e a devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Os documentos carregam consigo uma positividade que os faz assumirem o papel de suportes de informação e, de alguma maneira, se tornam verdadeiros, quando alinhavados e arregimentados dentro de uma instituição. No todo, constituem um discurso catequético-educacional, promovendo um discurso eclesial de que Nossa Senhora Aparecida é milagrosa, atenciosa para com seus devotos, protetora de todos que dela se socorrem e ainda é salvaguarda de uma nação. Esse discurso religioso se concretiza com o auxílio dos objetos-documento, os ex-votos, que são âncoras para a produção de um saber acerca da mãe de Deus.

Objetos sagrados e rituais preenchem a sala: eles marcam o fim de um processo, de uma luta contra um câncer, o final de uma faculdade, um casamento concretizado, o nascimento de uma criança ali representado em suas vestes de batismo ou no cordão

umbilical, representam a libertação de medos e superação de vícios nas garrafas de bebida alcoólica e nas caixas de remédios. O que fica e permanece nas estantes da sala das promessas são exemplos escolhidos para representar esses esforços de superação e de mudança na vida das pessoas. Para elas e para quem os olham, os ex-votos expressam a maneira como a fé ajuda e auxilia no dia-a-dia, no enfrentamento das dificuldades humanas e naturais que são presentes na vida de qualquer ser humano.

A exposição dos objetos na sala – uma parcela muito pequena diante daquilo que realmente chega ali todos os dias – promove estabilizações, cristalizações, documentam a fé e os milagres recebidos pelos indivíduos. O ancoramento de um objeto no espaço da sala das promessas aponta no sentido de que esse objeto é intencionalmente selecionado da acumulação diária que chega ao santuário. Eles são ao mesmo tempo, extensões e representações dos indivíduos; e, conseqüentemente, por isso mesmo as pessoas se identificam com eles e neles veem a materialização de milagres e graças.

Os objetos votivos promovem inferências, são interpretados pelas pessoas que visitam o espaço da sala. Tornam-se documentos de fé, pelo fato de agenciarem relações, ações e práticas sociais. Eis que o objeto votivo – dentro de uma perspectiva trabalhada pela escola francesa documentalista – amplia o entendimento do documento: esse é suporte para inscrição da informação e o pode ser dentro da perspectiva que se quer interpretá-lo e segundo o contexto no qual ele é produzido.

Conclusões

O presente trabalho não é um ponto de chegada; antes, o lugar de início de uma discussão que requer maiores aprofundamentos, abordagens e metodologias. Percebemos que a reflexão sobre o documento se configura como um espaço teórico em construção que merece maior atenção, devido à riqueza de suas significações.

Especificamente, entendemos que objetos e espaço são indissociáveis, ambos se pressupõem e determinam. Os objetos na sala das promessas se tornam ex-votos; fora da sala em questão (mesmo aqueles que foram feitos para tal fim), eles não **documentam** as graças recebidas.

Nada mais questionável, no campo da razão, que a existência do milagre. Todavia na sala, eles são **provas**, portanto, eles cumprem seu fim de **testemunho**. O espaço da sala das promessas valida-os como tal, atribuindo-lhe o valor simbólico de documento de um milagre que alguém acreditou ter recebido de Nossa Senhora Aparecida.

Essa relação objeto/espaco se sustenta na mediação, isto é, na associação de entes materiais, sujeitos e um lugar. Um lugar, no caso, que resignifica os objetos e as pessoas, pelos valores que negociam entre eles. Motivo pelo qual os objetos votivos se deslocam, andam e permanecem, voltam e desaparecem, numa dinamicidade na qual se exerce apropriações e exclusões. Tais objetos no espaço são o social, não estão dentro da sociedade, eles se associam na sua existência, e por ela existem.

Vir a ser ex-voto, documentar a fé, testemunhar o milagre, são, portanto, agenciamentos no antes, durante e depois que, embora múltiplos, são determinados pelos lugares que transitam. Por outro lado, são determinações negociadas entre as estratégias dos agentes oficiais do santuário e os sentimentos e representações dos devotos.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó/SC, Argos, 2009.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Guia de história da arte*. Lisboa/Portugal, Estampa, 1994.
- APPADURAI, Arjun. Introduction: commodities and the politics of value. In _____. *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge/Inglaterra, Cambridge University Press, 2006, pp. 3-63.
- BELOTO, Heloísa L. Documento de arquivo e sociedade. *Ciências & Letras*. Porto Alegre, FAPA, nº 31, jan/jun. 2002, p. 167-175.
- BRIET, Suzanne. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris/França, Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951.
- BRUSTOLONI, Júlio J. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a imagem, o santuário e as romarias*. Aparecida, Ed. Santuário, 2004.
- BUCKLAND, Michael K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 42, nº 5, ABI/INFORM Global, 1991, pp. 351-360.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso do Collège de France (1975-1976)*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, Martins Fontes, 2007, p. 171-225.
- FROHMANN, Bernd. Revisiting “what is a document?” *Journal of Documentation*, vol.65, nº2, 2009, pp. 291-303. Disponível em www.emeraldinsight.com/0022-0418.htm. Acesso em 24 nov. 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4ª Ed, Campinas/SP, Editora da Unicamp, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2006.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, n. 21, 1998, p. 89-103. Disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2067/1206>. Acesso em 18 out. 2010.

MURGUIA, Eduardo. Documento e instituição: produção, diversidade e verdade. In FREITAS, Lídia S.; MARCONDES, Carlos H.; RODRIGUES, Ana Célia (orgs.). *Documento: gênese e contextos de uso*. Vol 1. Niterói/RJ, EdUFF, 2010, p.123-140.

RABELLO, Rodrigo. *A face oculta do documento: tradição e inovação no limiar da Ciência da Informação*. Tese de doutorado. Unesp: FFC/DPGCI, 2009.

RIBEIRO, Zilda A. *Centenário da coroação da sempre rainha Nossa Senhora Aparecida: história e acontecimentos*. Aparecida, Ed. Santuário, 2004.

_____. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e de seus escolhidos*. Aparecida, Ed. Santuário, 2007.

SANTUÁRIO Nacional de Aparecida. *Press Kit – Imprensa*. Marketing Institucional, Assessoria de Imprensa, s.d. Disponível em http://www.a12.com/santuario/media/arq/Presskit_Geral_Santuario_Nacional%20atualizado.pdf, acesso em 13 jan. 2011.

SILVEIRA, Emerson J. Sena da. Turismo religioso popular? Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado. *Revista de Antropología Experimental*, nº 4. Espanha, Universidade de Jaén, 2004. Disponível em www.ujaen.es/huesped/rae, acesso em 7 mai. 2008.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo, SESC, Studio Nobel, 1996.